

**CONGRESSO INTERNACIONAL DE
DIREITO DO VETOR NORTE**

ESTADO, INTEGRAÇÃO E DIREITOS HUMANOS

A532

Anais do Congresso Internacional de Direito do Vetor Norte [Recurso eletrônico on-line]
organização Faculdade de Minas – Belo Horizonte;

Coordenadores: Fabrício Veiga da Costa, Rayssa Rodrigues Meneghetti e Raphael
Moreira Maia – Belo Horizonte: FAMINAS, 2020.

Inclui bibliografia

ISBN: 978-65-5648-136-4

Modo de acesso: www.conpedi.org.br em publicações

Tema: Estado e Sociedade no mundo pós pandemia.

1. Vetor Norte. 2. Resumos Expandidos. 3. Direitos Humanos. 4. Tecnologia. 5.
Autonomia Privada. 6. Direito do Trabalho. 7. Direito Penal. I. Congresso Internacional de
Direito do Vetor Norte (1:2020 : Belo Horizonte, MG).

CDU: 34



CONGRESSO INTERNACIONAL DE DIREITO DO VETOR NORTE

ESTADO, INTEGRAÇÃO E DIREITOS HUMANOS

Apresentação

ANAIS DO CONGRESSO INTERNACIONAL DE DIREITO DO VETOR NORTE – 2020

Os estudos sobre Estado, Integração, Direitos Humanos, Trabalho, Autonomia Privada, Tecnologia e Pena foram objetos centrais nas salas de apresentações e debates, no Congresso Internacional de Direito do Vetor Norte, nos dias 21 e 22 de Outubro de 2020.

O tradicional Congresso de Direito do Vetor Norte, com sede em Belo Horizonte, Minas Gerais, teve a sua primeira edição internacional e integralmente virtual. A equipe de organização se empenhou para realizar um evento ainda melhor do que nos anos anteriores, em que pese a delicada situação globalmente enfrentada, em decorrência da Pandemia de COVID 19.

A coragem em se realizar o Congresso de Direito do Vetor Norte em 2020, ainda que virtualmente, demonstra o compromisso com a pesquisa jurídica, de modo a cumprir seu papel de encontrar soluções para superação desse momento de crise, bem como e, principalmente, construir pontes que viabilizem a retomada da vida social, buscando consolidar uma sociedade democrática e plural.

Como frutos dos esforços dos organizadores do evento e dos diversos pesquisadores que submeteram suas pesquisas, o Congresso Internacional de Direito do Vetor Norte apresenta as publicações dos quatro Grupos de Trabalho, a seguir descritos.

O sucesso do GT1 – Estado, Integração e Direitos Humanos, foi tamanho que precisou ser subdividido em três salas virtuais, sendo coordenadas respectivamente pelos professores Sérgio Luiz Milagre Júnior, Tania Alves Martins e Mayra Thais Andrade Ribeiro; Raquel Santana Rabelo Ornelas, Williander Salomão e Vinícius Biagioni Rezende; Rosemary Cipriano da Silva, Isabel Prates de Oliveira Campos e Josiene Souza. Os temas perpassaram pelos direitos das crianças, igualdade de gênero, violência contra mulheres, proteção dos direitos fundamentais, liberdade de expressão, impactos da pandemia da COVID 19, entre tantos outros. Cabe frisar que os trabalhos apresentados no GT1 são extremamente relevantes para a pesquisa em Direito no país, demonstrando notável rigor metodológico e técnico, além de originalidade.

O GT 2 – Direito, Estado e Trabalho, coordenado pelos professores Jonas Thadeu de Almeida Sousa, Bruno Burgarelli Albergaria Kneipp e Pedro Henrique Carvalho Silva, discutiu, entre outras coisas, os direitos trabalhistas constitucionalmente previstos, o fenômeno da uberização, as implicações da pandemia no direito do trabalho e a reparação histórica da desigualdade social na seara trabalhista, sendo que, todos os resumos expandidos do referido GT foram desenvolvidos em uma perspectiva contemporânea e necessária para a mudança de paradigmas.

O GT 3 – Direito, Autonomia Privada e Tecnologia, coordenado pelos professores Julieth Laís do Carmo Matosinhos Resende, Bruno Paiva Bernardes e Cintia Moreira Gonçalves, foi marcado por temas como a necessidade de alfabetização digital, os impactos da revolução da internet, a Lei Geral de Proteção de Dados brasileira, os abusos algorítmicos, audiências por videoconferência, herança digital, privacidade no âmbito tecnológico e contratos de direito privado na lei da pandemia brasileira. O GT demonstra, claramente, os novos desafios na temática para o século XXI, incentivando a racionalidade crítica, a fim de se encontrarem soluções.

Por fim, o GT 4 – Direito, Estado e Pena, coordenado pelos professores Renata Esteves Furbino, Cristian Kiefer da Silva e André de Abreu Costa, ressaltou a importância de melhorias no sistema penitenciário e a função de ressocialização da pena, bem como tratou sobre as prisões na pandemia, o direito penal do inimigo, a influência da mídia no tribunal do Júri, a investigação defensiva e diversos temas atuais e importantes para o cenário jurídico e social brasileiro.

Observa-se, pelo alto nível dos trabalhos apresentados, que a pesquisa jurídica está se amoldando às novas necessidades, nascidas do cenário de enfrentamento à COVID 19 e que a presente publicação coletiva traz uma visão enriquecedora para o Direito. Assim, fica o convite para uma prazerosa e indispensável leitura dos resumos expandidos apresentados de forma comprometida pelos pesquisadores, fomentando o pensamento crítico para viabilizar a concretização de preceitos e garantias do Estado Democrático de Direito.

Rayssa Rodrigues Meneghetti

Raphael Moreira Maia

Fabício Veiga Costa

**A CONTRIBUIÇÃO DA PSICANÁLISE NO ESTUDO DE GÊNERO E A
VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER: UMA PANDEMIA QUE NÃO FINDA**

**THE CONTRIBUTION OF PSYCHOANALYSIS TO THE STUDY OF GENDER
AND VIOLENCE AGAINST WOMEN: A PANDEMIC THAT DOES NOT END**

**Nayara Gonçalves Leijoto
Josiene Aparecida de Souza
Vinícius Biagioni Rezende ¹**

Resumo

Tem-se por objetivo analisar os feminismos na sociedade e como houve um aumento no número de casos de violência contra a mulher devido a pandemia do novo coronavírus. Para isto, foram estudados: as ondas do movimento feminista, as contribuições do filósofo Freud, o uso da psicanálise e os usos das redes sociais. Reforçou-se como não há ligação da agressão com o nível social e que na maioria das vezes, o homem pensa ter poder ou propriedade sobre sua companheira. Por fim, o trabalho reforça a importância da luta de gênero para novas conquistas igualitárias para as mulheres.

Palavras-chave: Psicanálise, Feminismos, Cyberativismo, Violência doméstica, Pandemia

Abstract/Resumen/Résumé

It aims to analyze feminisms in society and how there was an increase in the number of cases of violence against women due to the new coronavirus pandemic. For this, we studied: the waves of the feminist movement, the contributions of the philosopher Freud, the use of psychoanalysis and the uses of social networks. It was reinforced that there is no connection between aggression and the social level and that in most cases, the man thinks he has power or property over his partner. Finally, the work reinforces the importance of the gender struggle for new egalitarian conquests for women.

Keywords/Palabras-claves/Mots-clés: Psychoanalysis, Feminisms, Cyberactivism, Domestic violence, Pandemic

¹ Orientador

1. INTRODUÇÃO

O presente resumo visa analisar a dupla pandemia vivida, principalmente, no Brasil: o modo como os feminismos vem sendo incorporados e aceitos na sociedade e a causa da violência contra a mulher por sua condição física e naturalística. Busca-se demonstrar que os casos de agravamento não têm ligação com a classe social, a formação educacional, a cultural ou a religiosidade, uma vez, que é a conjuntura feminina o problema.

A pandemia da Covid-19 tem contribuído para este cenário e o isolamento social, infelizmente, gerado um aumento de conflitos e embates já existentes. Muitas pessoas não entendem o movimento, ou não o apoiam, e preferem ficar omissas, mas o conhecimento é uma das formas mais valiosas para este alcance. O fundamento do *corpus* atende a este critério temático, uma vez que versa sobre a luta diária de mulheres para se imporem e sobreviverem mediante a violência física, psicológica e moral.

Pretende-se apontar como Freud, considerado pai da psicanálise, contribuiu para o aprofundamento do uso da psicanálise e como sua análise fez parte do movimento feminista. Neste aspecto, é ter uma somatória no engajamento humano para promover melhoras nas problemáticas das proporções epidêmicas. A luta pelo espaço e engajamento de gênero somará para novas oportunidades e conquistas de mulheres que acreditam que devem ser vistas, notadas e igualmente tratadas.

2. DESENVOLVIMENTO

Uma dupla luta é observada, qual seja: os feminismos e a pandemia doméstica.

A inserção de mulheres em espaços preponderantemente masculinos, a luta pela igualdade de gênero e a reivindicação por direitos igualitários são temas necessários e que voltaram a ser pautados em discussões políticas e sociais. Esses fatores englobam os feminismos que buscam reafirmar a importância das mulheres no meio coletivo. Durante a história, as mulheres sempre foram questionadas a respeito de seus corpos, suas sexualidades e suas intelectualidades tendo como objetivo a quebra de paradigmas para alcançar direitos e deveres. Ressalta-se que a primeira onda feminista foi concentrada majoritariamente na Europa e nos Estados Unidos, marcada pelo movimento sufragista, ao direito ao voto, a participação política e a vida pública, contudo no Brasil já existiam mulheres que se organizavam com pautas como direito a vida pública, ao voto, e a temas relacionados as imposições de tarefas

domésticas. Na década de 1950, iniciou-se a segunda onda, tendo um lapso temporal até os anos 1990, lembrada pelo slogan “o pessoal é político” de Carol Hanisch (ARAÚJO; SOUSA, 2018). Ela demonstrava a necessidade mostrar as pessoas as opressões que mulheres sofriam em casa, assim como a liberdade sexual, direitos reprodutivos e violência. Simone de Beauvoir também foi muito importante nesta onda onde questionava a diferenciação entre sexo e gênero, bem como o porquê as mulheres são atreladas a reprodução e a estrutura patriarcal. Segundo Beauvoir (1967, p.9):

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino. Somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como um Outro.

Seguindo a ordem cronológica, a terceira onda, em 1990, teve como fundamento a ideia de que mulheres são diversas; a introdução da confecção e da estética ao movimento. Algumas vertentes do feminismo começaram a surgir, formando subgrupos e questões de gênero passaram a ser discutidas como: raça, classe, sexualidade, diversidade, violência e inclusão das mulheres na política. Vislumbrava-se o rompimento do binarismo de gênero.

Nos anos 2000, o movimento feminista se afastou das ruas, sendo o oposto da primeira e segunda onda. Voto, direito ao divórcio e a propriedade são exemplos de conquistas já auferidas à época, contudo com o apogeu das redes sociais o movimento feminista passou a se organizar através das mídias e que nos dias atuais estimula milhares de pessoas (ARAÚJO; SOUSA, 2018).

Continuamente, não é mais correto tratar a palavra feminismo no singular, pois o modo mais adequado é referir-se ao movimento no plural: os feminismos. A conclusão é que o movimento se pluralizou, comportando múltiplos sujeitos e expressões para a imposição, englobamento, fala e articulação dos indivíduos. Tratar sobre uma expressão que tem várias vertentes e causa negação ou constrangimento em algumas mulheres. Isto ocorre devido muitas delas não quererem assumir uma posição de aquiescência com as ideias do movimento, ou seja, elas ficam na dúvida entre concordar ou permanecer em silêncio sob a situação fática, conforme aduz Márcia Tiburi (2016, p.7).

Feminismo é uma dessas palavras odiadas e amadas em intensidades diferentes. Assim como há quem simplesmente rejeite a questão feminista, há quem se entregue a ela imediatamente. Talvez seja o momento de parar e perguntar por que há pessoas que temem o feminismo e por que há outras tantas que depositam todas as fichas nele?.

É notório que isso ocorre com várias pessoas que não se sentem realmente conscientes e atentadas aos diversos feminismos e que não conseguem definir a dicotomia entre apoiar a causa ou se omitirem de lutas, debates e discussões. A falta de conhecimento inibe o diálogo e

a ruptura do desigual não dando força a um movimento extremamente importante e social. Um ponto interessante para a falta de certeza sobre o movimento seria suas possíveis ligações com fatores externos, talvez entrelaçados pelo tradicionalismo ou modelo arbitrário.

Uma das bases teóricas utilizadas neste artigo é Sigmund Freud, neurologista, considerado pai da psicanálise. Apesar de ser muito criticado por seus pensamentos, ele foi a abertura para dar atenção as mulheres. Freud ouviu as chamadas “históricas” e permitiu que elas pudessem expressar o patriarcalismo e suas frustrações diárias e da vida de uma mulher do lar. Para aquele período histórico isso foi um grande avanço, pois permitiu uma análise do próprio médico de que a histeria não era uma doença somente feminina e de que as pessoas gostavam de ser ouvidas. O movimento feminista tem embasamento neste filósofo, pois com ele a psicanálise tornou-se psicologia profunda e contribuiu para outras áreas do conhecimento (RICHTER, 2013).

As feministas, definindo-as, são àquelas mulheres que buscam reconhecer a desigualdade social referente ao gênero e a desconectá-la da discriminação causada pela sexualidade. O movimento não define gêneros ampliando a luta pela igualdade e a causa aos homens. Em tese, um indivíduo feminista busca conviver e propor igualdade de direitos, oportunidades e condições para todos. Alguns versam sobre o feminismo liberal, o radical, o marxista e socialista, o ciberfeminismo, o ecofeminismo e o interseccional. Eles são tutelas desagregadas que buscam a quebra de tabus patriarcalmente existentes na sociedade. Isto tudo significa a inclusão de negras, lésbicas, transexuais (transfeminismo), ou seja, a congregação de diversas concepções teóricas e práticas. De maneira simples, e não menos necessária, mulheres fortes também são àquelas que vivem a rotina da vida em casa. Assim como, àquelas que são arrimos de família, àquelas que resistem a violência e que de certa forma não conseguem se libertar da situação por vários motivos. Reflito como algumas rompem esse ciclo cruel e desumano e também são feministas, bem como, àquelas que são mães solteiras, adotam, trabalham fora, estudam e ajudam em sua residência.

Entretanto, com a pandemia do novo coronavírus, o aumento de mulheres que sofrem desrespeitos a sua imagem física, mental e psicológica aumentou muito no Brasil. Em abril, com o isolamento social imposto pela pandemia a quantidade de denúncias de violência contra a mulher cresceram quase 40% (quarenta por cento) em relação ao mesmo mês em 2019, conforme os dados do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMDH). Este é um problema que não emerge na pandemia, pois é antigo no Brasil e no mundo. De acordo com a Organização das Nações Unidas aproximadamente 1 (um) em cada 5 (cinco) mulheres foi violentada por alguém em seu vínculo afetivo somente no ano de 2019. Em

consonância, em 2018, no Brasil, mais de 500 (quinhentos) mulheres foram agredidas por hora, e 76% (setenta e seis por cento) dos agressores eram próximos a vítima, como companheiros, vizinhos e ex-maridos. Dentre as várias manifestações de violência contra a mulher a doméstica é uma de das mais recorrentes atualmente. Abuso físico, psicológico, patrimonial e/ou emocional são algumas manifestações da violência doméstica no núcleo familiar – e que neste trabalho frisa no gênero feminino – podendo ter aumentado devido a tensão, o estresse, demissões e a agressividade dentro do lar. O liame entre esses fatores e o confinamento imposto incentivou a vulnerabilidade econômica e mental e tem como consequências aumento no número de feminicídios, agressões e denúncias.

Buscar ajuda, em casas de apoio que acolhe vítimas e instituições que prestam atendimento psicológico e jurídico, entender a importância da Lei Maria da Penha como coibição do problema, iniciativas governamentais, trabalhos educativos com crianças e adolescentes sobre sexualidade e gênero são maneiras de oprimir e minimizar essa situação. A luta ainda terá uma enorme batalha, mas o fulcro do estudo de gênero visa conscientizar as pessoas para uma evolução social.

Sobre as análises do campo da psicologia, o fator psicossocial tem aspectos tanto no campo psicológico como no campo social e busca uma nova forma de usar o pensamento. É a chamada psicanálise. Ela entra no estudo do inconsciente e das particularidades do indivíduo desafiando a lógica e a razão. Trata-se de uma abordagem especificada nas próprias atitudes, e de um modo mais simples, no “automático”, como impulsos, memórias e desejos reprimidos.

Para Tatiana Pimenta (2019):

Tudo o que está armazenado em nosso inconsciente afeta as nossas vidas. O modo como pensamos, agimos e expressamos opiniões é resultado de uma memória, crença ou desejo que não está na superfície do psiquismo. Por isso, podemos entrar em conflito conosco ou com pessoas sem compreender exatamente a razão.

Recentemente, discussões ligadas ao gênero, a sexualidade e a orientação sexual receberam novas análises, fazendo surgir novas possibilidades de subjetivação. Um dos fatores que, no decorrer da história, contribuíram para estes reposicionamentos foi o movimento feminista. Isto retrata que o gênero é um grande auxiliar para novos parâmetros e caminhos tanto ao poder como a inclusão social.

Liége Silva reforça suas ideias baseadas em Freud e Lacan dizendo (2016):

Referências para o movimento feminista, possuem em seu conteúdo uma parte destinada à psicanálise. Ambas as autoras, Simone de Beauvoir e Judith Butler, dedicaram-se a uma análise e crítica a partir dos escritos da teoria psicanalítica sobre a mulher. Tanto Freud quanto Lacan, mesmo em épocas diferentes sofreram diversas críticas vindas dos movimentos feministas de suas épocas. (...) Principalmente de que a mulher é dita como em falta por não ter o falo. A mesma crítica também está

relacionada ao fato de a mulher ser descrita sempre em relação ao homem, tendo o homem como referência e medida, nunca a mulher por ela mesma. Recebendo destaque entre as críticas está também a teoria da Inveja do Pênis elaborada por Freud (1925), abordada neste trabalho, juntamente com a crítica destinada à afirmação de Freud quanto ao caráter mediano da mulher e seu supereu frágil, entre outras.

Estas ligações podem aparentar consequências desagradáveis e incabíveis, mas, conforme citado a cima, podem ter ligação com a violência doméstica devido brigas e reações dos agressores. Apesar de parecer distante, a psicanálise exerce uma força extremamente importante na contribuição humana. Os estudos de gênero têm o objetivo de entender e contestar a subordinação da mulher em relação ao homem e somando-se a psicanálise de entender as formas que possibilitem a inclusão das mesmas na sociedade. Neste aspecto, é importante ressaltar a importância do movimento feminista contemporâneo nas redes sociais. A internet que, a cada dia mais, tem feito parte do cotidiano das pessoas com a intenção de socializar e interagir com indivíduos e/ou grupos, formando vínculos.

Isto é o chamado cyberativismo. Uma maneira que permite as pessoas que não se conhecem conversem sobre direitos das mulheres e da consciência da importância dos feminismos. Esta ferramenta propulsiona o pensamento crítico incentivando posicionamentos sobre a luta cotidiana. As feministas ativas que se utilizam dos meios digitais e que já passaram por abusos costumam ser fortalezas para outras mulheres que sofrem diariamente com a violência. Algumas pessoas criam páginas no *instagram* - como “Não me Kahlo”, “Feministas revolucionárias”, “feminismo educativo”, “Quebrando o tabu”, “Feminismo sem demagogia”, “feminismo radical brasil” - e tratam sobre pautas importantes para que reflexos sejam gerados e comentados.

As redes sociais são a maneira mais fácil e completa de expor uma opinião hoje em dia. Você pode falar o que quiser atrás de uma tela e ser julgado por isso. O assunto feminismo é um dos mais discutidos, visto que desperta inúmeras opiniões diferentes. “As redes sociais têm sido importantes para colocar o tema em pauta, que fica mais acessível para as pessoas”, diz Juliana Guimarães, usuária do Twitter. Para Janaína Oliveira, também usuária do microblog, ainda assim é difícil encontrar usuárias que realmente sejam engajadas no movimento e que estejam interessadas em passar o conhecimento adiante. “É importante ser didático sempre que possível. Na maioria das vezes lidamos com pessoas que não conhecem o movimento profundamente” (PAULA, 2016).

Quando se tem opiniões nessas páginas há uma gama de mensagens que trazem sempre uma atenção para o leitor que acaba sendo influenciando a comentar e escrever seu pensamento. Neste ponto, ambos lados são formados e críticas ao movimento surgem. É perceptível que feministas idealizadas não fazem ou propagam violências de gênero com outras mulheres, assim como, não buscam uma concorrência entre si. Elas são mentoras da sonoridade, empoderadas, e não utilizam as falas machistas em suas ações. Segundo o site Politize, Augusto Azevedo(2019), traz uma diferença entre empoderamento feminino e feminismos:

Antes de mais nada, vale lembrar que “empoderamento feminino” e “feminismo” podem estar ligados, mas são coisas distintas. Feminismo é uma doutrina ideológica que defende a igualdade de direitos entre gêneros em diversos aspectos – social, cultural e politicamente –, com estudos e bases teóricas. Já o empoderamento feminino está ligado a uma consciência coletiva por parte das mulheres e é constituído de ações tomadas por mulheres que não se deixam ser inferiorizadas pelo seu gênero e tomam atitudes que vão contra o machismo imposto pela sociedade. (...) O empoderamento feminino contribui para que as mulheres tenham o direito de participar ativamente dos mais diversos tipos de debates, tomando decisões que influenciarão no futuro de sua região, país, ou sociedade como um todo (AZEVEDO, 2019).

Os feminismos e o ciberativismo ainda irão ter grandes formas. É um movimento e uso interativo em ascensão e que unidos atingiram muitas pessoas. Esperasse que com o tempo aqueles que não são adeptos ao movimento tenham mais conhecimento e que sejam dispostos a contribuir para um ambiente, local e mundo melhor. Sendo assim, o estudo e o conhecimento são as primeiras respostas concretas e efetivas para se chegar a uma finalidade, mas que já são uma preocupação para que a mudança ocorra.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como fundamento explicar o feminismo, as ondas históricas, o uso da psicanálise e como as redes sociais contribuem para o ciberativismo. Utilizou-se, como base, trajetórias bibliográficas, profissionais e acadêmicas de pessoas que estudam a área de gênero e se sensibilizam com as lutas feministas. Ele visou propor uma análise de estudo e de formas para entender cada pessoa em seus pensamentos, uma vez que a psicanálise não busca julgar, mas aprofundar em fatos reais e precisos a mente humana.

Como marco histórico, foi analisado as ondas dos feminismos sendo a primeira focada no movimento sufragista e a vida pública. A segunda, tratando da revolta de opressões de mulheres que sofriam com o patriarcalismo, a falta de liberdade sexual e direitos reprodutivos. E a terceira, para expressar como as mulheres são diversas, introduzindo a confecção e a estética ao movimento. Como as ideias de Freud tiveram haver com a psicanálise e os feminismos, o trabalho trouxe seu estudo para complementar o quanto ouvir as mulheres da época era importante e traria um avanço social. Com isso, apontou-se a questão do número crescente de mulheres que sofrem com a violência doméstica e como é possível diminuir desses casos. O uso do cyberativismo, citado pela relevância das redes sociais, demonstra como o debate sobre o tema é crescente e contribui para o movimento. Sendo assim, o artigo tem o intuito de expor os riscos duplamente pandêmicos vividos no Brasil e da importância da causa sem desmerecer o tempo de cada um para compreendê-la e apoiá-la.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Jéssica Aparecida Lima; SOUSA, Delles de Lean Rodrigues de. **Feminismo contemporâneo: as mídias sociais como ferramentas de resistência**. Disponível em: http://www.eventos.ufu.br/sites/eventos.ufu.br/files/documentos/delles_de_lean_rodrigues_de_sousa.pdf. Acesso em 16 out. 2020.

AZEVEDO, Gustavo. **Empoderamento: o que significa esse termo?**. Disponível em: <https://www.politize.com.br/empoderamento-o-que-significa-esse-termo/>. Acesso em 04 out. 2020.

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**. Tradução de Sérgio Milliet. 4.ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967, p.9.

BEZERRA, Juliana. **Feminismo**. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/feminismo/>. Acesso em 04 out. 2020.

PAULA, Adríssia Di. **A luta pela igualdade de gênero nas redes sociais**. Disponível em: <https://casperlibero.edu.br/revista-arruaca/luta-pela-igualdade-de-genero-nas-redes-sociais/>. Acesso em 09 out. 2020.

PIMENTA, Tatiana. **O que é psicanálise: entenda os conceitos e abordagens básicas**. Disponível em: <https://www.vittude.com/blog/o-que-e-psicanalise/#:~:text=Tudo%20o%20que%20est%C3%A1%20armazenado,sem%20compreender%20exatamente%20a%20raz%C3%A3o>. Acesso em 05 set. 2020.

RICHTER, Ernesto Pacheco. **Psicologia política e a teoria freudiana**. In: Revista Psicologia Política. vol.13. São Paulo: 2013. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2013000300002. Acesso em 16 out. 2020.

SILVA, Liége de Jesus da. **O feminino e o feminismo sob o olhar da psicanálise**. Disponível em: <https://bibliodigital.unijui.edu.br:8443/xmlui/bitstream/handle/123456789/4293/Li%C3%A9ge%20de%20Jesus%20da%20Silva.pdf?sequence=1>. Acesso em 10 out. 2020.

TIBURI, Marcia. **Como conversar com um fascista**. 5. Ed. Rio de Janeiro: 2016.